

**A FLEXÃO DE CONCORDÂNCIA
DO SISTEMA DE PRONOMES E DOS CLÍTICOS
NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

Nataniel dos Santos Gomes (UFRJ, UNESA e UNAM)

RESUMO:

Este trabalho pretende observar a aquisição da linguagem, mais especificamente, dos sistemas de concordância, de pronomes e clíticos, de acordo com as propostas do gerativismo. Apontaremos as diversas hipóteses sobre o processo de aquisição e mostraremos porque escolhemos o inatismo.

Palavras-chave: 1. Linguística; 2. Gerativismo; 3. Aquisição da Linguagem;

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem o objetivo de estudar a aquisição da flexão de concordância, do sistema de pronomes e os clíticos através dos enunciados de um aprendiz do Português, à luz do quadro teórico da Gramática Gerativa.

De acordo com Radford (1987), como a criança nos estágios iniciais ainda não tem a categoria *Inflection* (AgrsP, AgroP e TP), ela não domina o sistema de concordância verbal de sua língua. Segundo o autor, nos estágios iniciais da gramática só se verifica a camada lexical, ou seja, ela possui a projeção de núcleos lexicais, mas não possui as chamadas categorias funcionais (*Inflection* e *Comp*). Vinculado à ausência de *Inflection* está o não domínio do sistema de pronomes. Daí o uso de sintagmas nominais no lugar dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas.

De acordo com essa hipótese, as construções que dependem da presença das categorias funcionais não são observadas nos enunciados das crianças entre dezenove e vinte e cinco meses. É só a partir dos dois anos e meio que essas categorias começam a surgir.

Com base nos dados coletados de Mariana, uma criança na faixa etária entre um ano e nove meses e dois anos e onze meses, vamos tentar verificar a proposta de Radford, que tem como base a *hipótese da maturação*. Essa proposta afirma que as categorias funcionais não estão disponíveis nos estágios iniciais da aquisição, desenvolvendo-se com o tempo em períodos determinados da matura-

ção. Para tal, é preciso observar quando a flexão de concordância é adquirida (quando é usada quase que sistematicamente) e se essa aquisição está vinculada ou não ao uso produtivo dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas. É necessário observar se na fase em que a concordância é usada mais produtivamente pela criança, aparecem outros fenômenos interligados: (i) maior ou menor frequência de ocorrência de sujeito nulo; (ii) maior ou menor frequência de inversão da ordem do sujeito, etc.

E quanto aos pronomes clíticos *me* e *te*? Quando começam a ser mais sistematicamente usados? Depois que flexão de concordância já está dominada? Paralelamente ao surgimento do uso produtivo da concordância?

Segundo observações feitas durante o curso de Introdução à Psicolinguística, alguns investigadores propõem que os clíticos são movidos de sua posição de complemento para o núcleo de uma categoria funcional (provavelmente, AgroP). Assim, o aparecimento dos clíticos nos enunciados de uma criança em fase inicial da aquisição indicaria a presença de uma determinada categoria funcional na estrutura oracional.

Passaremos agora a apresentar as várias teorias sobre a aquisição da linguagem para mostrar o que nos levou a adotar a hipótese do inatismo neste trabalho.

AS TEORIAS SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Kato (1986) comenta sobre as várias teorias de aquisição da linguagem. Passaremos rapidamente por cada uma delas, sempre com a pergunta em mente se a língua é inata ao homem ou se ela é adquirida culturalmente.

A tese inatista

Essa primeira tese foi proposta por Noam Chomsky (1957). Para ele, o homem já vem programado biologicamente para desenvolver determinados tipos de gramática.

Nascemos com uma faculdade de linguagem ou *gramática*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

universal, que subjaz a qualquer gramática. Assim, cada língua seria apenas uma realização concreta desse esquema.

A proposta de Chomsky realmente faz sentido, afinal a criança atinge gramáticas perfeitas quando o estímulo ambiental é falho e fragmentado.

Nessa teoria, usa-se com muita frequência o termo *competência* para designar o conhecimento que o falante tem da gramática de sua língua, e o termo *desempenho* para indicar o uso que o falante faz desse conhecimento. O conhecimento e o comportamento linguístico são geneticamente determinados nesta teoria.

Lenneberg aponta para uma visão biológica da linguagem e de sua aquisição. Seu argumento principal é que essa capacidade não apresenta variação intra-espécie.

Bickerton já tem uma visão evolucionista do processo, para ele há um bioprograma linguístico. A língua culturalmente adquirida não pode distanciar-se de forma imprevisível da língua primitiva, programada biologicamente. Há uma evolução da fala que pode ser comprovada pelo desenvolvimento dos *pidgins* em *crioulos*, que tem gramáticas mais elaboradas. A mesma coisa acontece com a aquisição da linguagem pela criança.

A tese funcionalista

Essa tese enfoca os fatores culturais funcionais na aquisição, seus principais proponentes são Laberge e Sankoff e Brown. Já Bickerton se concentra nos aspectos invariantes do desenvolvimento das línguas.

Ao contrário da visão inatista, essa proposta deseja demonstrar que a gramática é culturalmente determinada, e não geneticamente.

As inovações que aparecem são justificadas a partir de necessidades comunicacionais, o que permite estudar a relação entre forma e função.

A tese cognitiva-funcionalista de Bever

Para Bever só podemos compreender ou produzir o que é aprendível, portanto gramatical. O que vai determinar a gramaticalidade não são as regras gramaticais autônomas, mas a nossa capacidade de processamento e de produção.

A tese construtivista de Piaget

Segundo Piaget, existem programas que criam esquemas de comportamento que vão nos orientar a adquirir a língua. O que vai diferir a teoria de Chomsky da de Piaget é que, a segunda sugere que o comportamento é a base para o conhecimento, o desempenho determina as formas geráveis pela nossa competência.

Piaget não nega a relevância dos dados ambientais para a aquisição, enfatizando a interação do organismo com o ambiente, da criança com a língua.

A tese associacionista

Para os adeptos dessa corrente, os processos que nos levam à aquisição são a generalização indutiva e a abstração. Os associacionistas reconhecem que o significado de sentenças não pode ser aprendido por resposta automática e que o significado de palavras também pode ser aprendido por dedução.

Assim, boa parte do que se aprende é feito através de análise e síntese, o mesmo da compreensão e da produção.

Críticas às diversas teses de aquisição

Conforme vimos na tese do behaviorismo, a associacionista, não há uma teoria específica sobre aquisição, o aprendiz entra para o processo de aquisição como *tabula rasa*. Há uma ênfase muito forte no processo de estímulo-resposta. Para se aprender uma língua, utiliza-se de processos de imitação e memorização. A língua é um conjunto de hábitos adquiridos por condicionamento. A necessidade de um reforço é vital no processo de aprendizagem. Mas com todas essas características, de um modo geral, essa tese não leva em conta o aspecto criativo da linguagem.

A proposta de Piaget levanta a bandeira de que a criança constrói o conhecimento através da ação, mas tem um problema com as chamadas crianças-lobo, que têm a cognição, mas não possuem a gramática.

A tese funcionalista propõe que a gramática é culturalmente determinada, que existe uma correlação entre forma e função, que tanto o desenvolvimento lingüístico da criança quanto a evolução das línguas são determinadas por fatores culturais funcionais.

O inatismo possui vários enfoques. A visão biológica defendida por Lenneberg afirma que há uma correlação entre a aquisição de atividades biologicamente determinadas e a aquisição das línguas. As línguas, portanto, não são ensinadas, ocorrem em um período pré-determinados, não tem variação inter-espécie. Para os inatistas, o cérebro / mente é constituído por vários sistemas cognitivos mentais com seus próprios princípios e funções e que interagem entre si. A faculdade da linguagem é um desses sistemas – gramática formal. Da interação entre estes vários módulos resulta o sistema lingüístico complexo.

Com todas essas teorias, podemos perceber que a teoria chomskiana é a que mais se aproxima dos fatos observados na aquisição. Afinal, podemos perceber que a criança é exposta a dados da língua como qualquer outro falante. Ela é exposta a dados degenerados, de toda natureza, truncadas, entremeadas e que não incluem todos os tipos de dados possíveis sobre a Gramática da língua.

Quando aprendemos uma língua num curso, por exemplo, somos corrigidos por quem a está ensinando, mas o mesmo não acontece na aquisição de L1 por uma criança. No processo de aquisição da criança quase não fazemos correções. Quando o fazemos, não é de forma sistemática, e é quase sempre referente ao conteúdo e não à forma. E muitas vezes a criança se comporta como se fosse “surda” à correção da forma empregada.

O *input* lingüístico (dados aos quais a criança é exposta) é truncado, desorganizado, em outras palavras, são dados imperfeitos. E mesmo assim, a criança adquire a língua de forma rápida e homogênea.

Portanto, parece-nos que a Gramática Universal representa

uma previsão daquilo que é comum a todas línguas. Ela é descrita no modelo através dos *princípios*, além da variação que pode ser encontrada entre elas, os *parâmetros*.

Entendemos que os parâmetros devem ser fixados, determinados pelas evidências positivas do *input*.

A teoria baseava-se num sistema de regras, e hoje, num sistema princípios e parâmetros que fazem parte da faculdade da linguagem. O estado inicial da faculdade da linguagem é denominado de Gramática Universal. Através dos dados do *input*, a criança fixa os valores dos parâmetros da língua a qual está exposta e através da aprendizagem do vocabulário ela chega ao estado final.

Vejamos as possíveis hipóteses sobre a aquisição da linguagem dentro do modelo gerativo.

HIPÓTESES SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DENTRO DO GERATIVISMO

A hipótese da continuidade

Hyams (1986) afirma que os princípios que as crianças possuem já estão lá desde o início e permanecem durante todo o processo de aquisição. A criança fica sujeita igualmente durante a fase do desenvolvimento gramatical aos princípios da Gramática Universal. Assim, esses princípios já estariam disponíveis em todos os estágios da gramática.

A hipótese de continuidade tem duas versões: a hipótese da continuidade forte e a hipótese da continuidade fraca.

A hipótese da continuidade forte afirma que as crianças têm todos os princípios da Gramática Universal desde o início na forma usada na língua alvo.

Na hipótese da continuidade fraca afirma-se que as gramáticas das crianças estão de acordo com a Gramática Universal, mas não necessariamente com a língua que está sendo aprendida, tanto para L1 quanto de L2.

Em suma, a gramática das crianças são essencialmente as mesmas em termos de princípios e parâmetros, tal como a gramática

dos adultos.

A hipótese da descontinuidade

De acordo com esta hipótese, os princípios são diferentes nos diferentes estágios da aquisição. Assim, a gramática das crianças, em um determinado estágio, talvez corresponda à Gramática Universal, e deve mudar completamente. O desenvolvimento gramatical não é contínuo e vai se reestruturando de um estágio para o outro.

Nesta hipótese, a gramática do adulto e a da criança tem poucas relações entre si. Os princípios organizacionais da gramática da criança são totalmente diferentes dos princípios do falante adulto.

A hipótese da maturação

Certos princípios emergem da mente do falante em tempos determinados. Nessa hipótese, a mente da criança não possui as categorias funcionais até certo estágio da aquisição da linguagem. As categorias vão se desenvolvendo em um estágio particular da maturação.

Para Radford (1986), que segue esta hipótese, as crianças conhecem apenas os núcleos lexicais, ou seja, as projeções das categorias: N, V, A e P (são as chamadas *cláusulas pequenas*). As categorias funcionais DP, IP e CP são gradualmente adquiridas, por serem biologicamente determinadas para emergir em um determinado momento do desenvolvimento da linguagem, após o aparecimento das categorias lexicais.

Passaremos à proposta de Radford (1986).

A PROPOSTA DE RADFORD

Por volta dos 10 meses, muitas crianças produzem suas primeiras palavras, sendo o início do período do enunciado de simples palavras holofrástico. Por volta dos dois anos, entre dezenove e vinte e cinco meses, começam a surgir estruturas mais complexas, resultado da combinação de palavras em frases, formando sintagmas que começam a se assemelhar ao modelo dos adultos.

A hipótese de Radford é que as primeiras estruturas oracionais produzidas pelas crianças são semelhantes às pequenas cláusulas ou *small clause* dos adultos, embora existam algumas diferenças importantes entre as produzidas por estes e as produzidas por crianças.

Radford mostra, em seu trabalho, que nos enunciados dos adultos as orações são expansões de categorias gramaticais, mas coexistem com as *small clauses* que têm a estrutura sujeito-predicado do tipo [NP XP], com NP sendo o sujeito, e o XP, podendo ser AP, PP, NP e VP.

Segundo o autor, nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem, a criança ainda não domina os sistemas funcionais, ou seja, faltam as categorias Comp e Flex.

Para Radford, é por volta dos dois anos e meio que começam a aparecer as categorias funcionais.

A ausência de Comp faz com que Radford formule as seguintes generalizações:

- 1 – nas cláusulas das crianças faltam complementizadores.
- 2 – as cláusulas das crianças não possuem auxiliares antepostos.
- 3 – as cláusulas das crianças não têm movimento de QU.

Ainda, segundo o autor, com a ausência de *Flex*, podemos observar as seguintes características das cláusulas das crianças em estado inicial da aquisição:

I – ausência do infinitivo *to* (no inglês):

Want [teddy drink] (Daniel 19.1)

II – Ausência de auxiliares modais:

I will read the book read book

Sentença modal sentença da criança

A ausência de verbos modais no enunciado da criança é explicada pelo fato de que os modais serem gerados no núcleo de Infl.

III – Ocorrência de partícula de negação.

Wayne not cating it (Daniel 23)

IV – Ausência de marcas temporais.

Hayley want that (Hayley 20)

V – Ausência de concordância.

Jem have it (Jem 23.0)

VI – Ausência de formas pronominais nominativas.

Me talk (Stephen 19.2)

VII – Ausência de sujeito.

VIII – Ausência de VP.

IX – As cláusulas independentes são não-finitas.

Passemos aos dados.

ANÁLISE DOS DADOS

Analisaremos agora os dados de uma criança aprendiz da língua portuguesa entre um ano e nove meses e dois anos e onze meses para investigarmos a aquisição da flexão de concordância, do sistema de pronomes e dos clíticos.

Podemos perceber, com base nos dados disponíveis, que nos estágios iniciais da aquisição da linguagem, Mariana não domina a morfologia de concordância nem a temporal.

(1) É eu nu zadim, né? (2;5.2)

(2) eu qué falá pô (2;3.0)

As desinências de concordância número / pessoal começam a ser estruturadas por volta dos dois anos. Já a marca de tempo já está

sendo usada de forma sistemática para expressar presente, passado e futuro.

(3) eu *fiz* injeção [+t; +c] (2;0.1)

(4) olha! Intão conta a istória *dessis porquinhos* aqui. Essi poquinho *tão* pulandu [+t, +c] (2,0.8)

(5) eu num *fazê* [-c] (2,5.2)

Os dados acima ilustram a que Mariana ainda não tem o domínio completo do traço de concordância. No dado (1) a forma verbal deveria ser *sou eu...* e no (2) *eu quero falar...*

(6) Mariana falandu fazenda/du vovô Zezinhu (2;3.0)

(7) Voxe vova (1.11)

Note que no dado (6) a aprendiz omite o verbo auxiliar *estar*. Nesta fase, Mariana ainda omite verbos (veja o dado 7). A aprendiz também não costuma utilizar os verbos modais, como *pode* e *deve*.

Mariana, no início da aquisição, não usa o pronome *eu*, mas seu próprio nome para se referir a ela mesma (5). Para Radford há uma relação íntima entre o sistema de pronomes e a aquisição de Flex. A ausência de Flex implica na ausência pronominal, porque estes envolvem traços de pessoa e número. Por isso, o verbo não ocorre flexionado, nem ocorrem verbos auxiliares.

(8) Mariana tá falando ele babo (1.11)

No início do processo, Mariana não usava clíticos. Afinal, os clíticos dependem de uma determinada categoria funcional que faz com que eles se movam para o núcleo dela. Portanto, a ausência dessa categoria implica na ausência de clíticos.

(9) qué vê eu cantandu essa música (2;3.0)

(10) grava eu (2;0.1)

As orações encaixadas que são introduzidas por *que* são as últimas que a aparecem nos enunciados de Mariana, aos dois anos e oito meses. Nelas já percebemos o uso do pronome, ao invés de seu próprio nome.

(11) eu num queru qui ninguém pega essis. (2.8.1)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É por volta dos dois anos e nove meses que Mariana começa a usar o verbo flexionado de forma mais sistemática. O uso do verbo flexionado ocorre em paralelo com o sistema de pronomes.

(12) tô fazendu denheirinho (2,9,7)

(13) quando eu fui lá na fazenda du meu vô (2,9,7)

(14) tinha uma piquena quando eu fui na casa du otru faustu
(2,9,7)

O maior uso dos verbos auxiliares também começa por volta dos dois anos e nove meses.

(15) Qui tá falandu (2,9,16.)

(16) fala pra eli isperá um pocu Qui u carru tá passandu
(2,9,16.)

O uso sistemático da concordância, dos pronomes e dos clíticos é consolidado aos dois anos e onze meses. Vejamos o uso do clítico em (17) abaixo:

(17) Me dá meu revolvi (2;11.12)

(18) Eu vô comprá u sadeiz (2;11.12)

Em (18), notamos que, no mesmo período, Mariana também está utilizando verbos auxiliares.

(19) Eu i a minha prima (2;11.12)

Em (19), a aprendiz também já está utilizando o pronome.

Portanto, é aos dois anos e onze meses que a flexão, os pronomes e os auxiliares são usados mais sistematicamente. Isso significa que ela já adquiriu a categoria de Flex. Ao mesmo tempo surgem os clíticos, que parecem indicar que há alguma relação entre o seu surgimento e o domínio do Flex.

Os clíticos são movidos de sua posição de complemento para se adjungirem ao núcleo de uma categoria funcional, segundo Radford (1987). A categoria que recebe os clíticos é a de AgroP, depois do uso sistemático da flexão, dos auxiliares e dos pronomes. Isso parece indicar que o AgroP surge depois do aparecimento de AgrsP.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho teve objetivo de investigar o processo de aquisição da flexão de concordância, o sistema de pronomes e dos clíticos a partir dos dados de uma aprendiz do português, na faixa etária entre um ano e nove meses e dois anos e onze meses, com base na hipótese de Radford (1986), *Small clauses hypothesis*. Essa hipótese afirma que nos estágios iniciais da gramática só se verifica a projeção de núcleos lexicais, estando ausentes as categorias funcionais.

É a partir de 1;9.24 que já estão presentes em processos de maturação as categorias flexionais. E quanto ao sistema flexional, percebe-se que em alguns exemplos estão presentes todos os traços característicos dessa categoria, [+t, +c], ao passo que em outros exemplos somente o traço [+t] ou [+C] está presente.

Aos dois anos e onze meses a flexão, os pronomes e os auxiliares são usados de forma plena, significando que a aprendiz já adquiriu a categoria de Flex. É nesse mesmo tempo que surgem os clíticos. O traço de concordância já está solidificado.

A categoria que recebe os clíticos é a de AgroP, após o uso sistemático da flexão, dos auxiliares e dos pronomes, indicando que o AgroP surge depois do aparecimento de AgrsP. Parece-nos que a hipótese de Radford é correta, através da ausência de estruturas que dependem da presença da categoria de Flex: concordância, pronomes e clíticos.

BIBLIOGRAFIA

DEPREZ, Viviane. PIERCE, Amy. Crosslinguistic evidence for functional projections in early child grammar. In.: HOEKSTRA, Teun. SCHWARTZ, Bonnie D. *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdan / Philadelphia: John Benjamins, 1994.

HYAMS, N. *Language Acquisition and the Theory of Parameters*. Dordrecht: Foris, 1986.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito. In.: *Cadernos de Estudos da Linguagem*. Campinas: Unicamp, 1995.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1972.

MIOTO, Carlos. SILVA, Maria Cristina Figueiredo. LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.

PEREIRA, Maria Cristina C. *Levantamento das gravações de Mariana Rodrigues da Cunha*. 4 vol. [s.n.e.], 1976.

RADFORD, A. Small children's small clauses, Research Papers. In *Linguistics*, 2:55-76. Bangor: University College of North Wales, 1986.

VAINIKKA, Anne; YOUNG-SCHOLTEN, Martha. Direct access to X'theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In.: HOEKSTRA, Teun. SCHWARTZ, Bonnie D. *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1994.